

FONTE : JB

CLASS. : 16

DATA : 24 10 90

PG. : 09

Brasil testa vacina contra malária

A vacina contra a malária desenvolvida pelo cientista colombiano Manuel Patarroyo e ainda não aprovada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) será testada em brasileiros possivelmente até o começo do próximo ano. Deverão ser vacinados entre 2 mil e 4 mil indivíduos de áreas endêmicas como Rondônia, que registra 50% dos cerca dos 400 mil novos casos da doença que surgem por ano no país. Os testes serão feitos pela Fundação Oswaldo Cruz, Universidade de São Paulo e Universidade de Brasília, coordenados pelo Ministério da Saúde.

A informação é do epidemiologista Cláudio Struchiner, da Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp), responsável pelo desenvolvimento de um modelo matemático inédito no mundo e que será usado para orientar estratégias de vacinação capazes de erradicar a malária ou pelo menos evitar o surgimento de casos graves no Brasil.

Apesar de ter demonstrado 80% de eficácia nas três doses ministradas em 13 mil habitantes da Tumaco, na Colômbia, a vacina ainda não pode ser considerada cientificamente boa. Os testes não incluíram grupos de indivíduos-placebo, que receberiam soro antitetânico ao invés da vacina analisada, e seriam comparados com os grupos efetivamente vacinados. Além disso, houve grande flutuação de casos da doença na região colombiana estudada, não permitindo concluir se real-

mente foi a vacina a responsável pela redução da incidência da malária.

“Mas os resultados preliminares são animadores”, defende Struchiner, informando que no ano passado 200 soldados colombianos que receberam a vacina e depois foram enviados às áreas endêmicas apresentaram menor incidência do que os não vacinados. Mas faz uma ressalva: “A vacina precisa seguir uma metodologia de exames mais eficaz, para que os aspectos subjetivos não influenciem o resultado”. Na Venezuela, por exemplo, os exames cometeram o erro de avaliar somente pessoas que quiseram ser vacinadas. Não se sabe ainda quanto tempo dura a imunidade oferecida pela vacina.

Testes — A vacina colombiana pretende prevenir o organismo contra o parasito *plasmodium* na fase em que entra nos glóbulos vermelhos do sangue humano — por isso, a vacina não bloqueia a infecção, mas apenas permite uma recuperação mais rápida do próprio organismo e evita que a doença atinja a forma mais grave, que é a cerebral. Segundo Struchiner, a vacina pesquisada pelo casal brasileiro Vítor e Ruth Nussensweig, que bloqueia a infecção, não apresentou bons resultados nos testes em voluntários.

Atualmente, o Ministério da Saúde está estudando a melhor área endêmica para a aplicação dos testes no Brasil. “A região ideal é aquela em que os técnicos conheçam com precisão o nú-

mero anual de casos da doença e os mecanismos de controle usados, como a borriiação com inseticida e a forma de tratamento dos doentes”, explica Struchiner. Os testes deverão durar no mínimo um ano e meio: serão aplicadas três doses em 180 dias e depois a população vacinada será acompanhada por mais um ano, para saber se desenvolveram ou não a doença. “Será muito difícil, no meio da selva, correr atrás de indivíduos que são migrantes por natureza”, reconhece o pesquisador.

A equação matemática desenvolvida por Struchiner vai ajudar a formular estratégias de vacinação, após a vacina ter sido aprovada nos exames. Levando em consideração variáveis que vão da densidade populacional e a sobrevida do mosquito transmissor da malária à duração da imunidade do ser humano vacinado, a fórmula é capaz de prever o número de pessoas que precisam ser vacinas e os métodos de vacinação mais apropriados. Esse modelo matemático também é alimentado com os resultados dos testes de campo.

No caso da África, onde cada indivíduo com malária é responsável pelo surgimento de mil novos casos, é necessária a vacinação de mais de 90% da população das áreas endêmicas. No Brasil, uma pessoa infectada provoca 70 outros casos de malária e a previsão de cobertura vacinal deve situar-se entre 75% e 85% da população exposta à doença.